

DO PROCESSO À CENA: CARACTERIZAÇÃO VISUAL DOS ATORES EM A VARANDA

Process for the Scene: Visual Characterization of Actors in A Varanda

Silva, Rodrigo Tomaz da; Graduado; Universidade Regional do Cariri,
tomaz.artesintegradas@gmail.com¹

Introdução

A *Varanda* é um espetáculo teatral do Coletivo Metáforas, de Juazeiro do Norte - Ceará, estreado em 2015. Como característica pertinente em todas as criações do Coletivo está a exploração de espaços cênicos não convencionais, influenciando diretamente a caracterização visual dos atores nesta pesquisa artística. A concepção cênica do espetáculo é apresentada da seguinte forma:

A história é de uma Mulher que transcorre por suas memórias com a presença de um segundo personagem, seu Imaginário, que lhe impulsiona para dentro das lembranças deixando-a mais presa a sua casa. O tema tratado é de prisão x liberdade [...]. (FREITAS, 2015)

Na encenação aparecem uma atriz e um ator, que dão vida a *Mulher* e ao *Imaginário*, respectivamente. Neste artigo, trataremos apenas da caracterização visual da *Mulher*.

Dentro do processo criativo foi gerada uma metodologia de criação específica para se construir as dramaturgias² do espetáculo em questão, destacando como foi desenvolvido o projeto de caracterização visual dos atores para *A Varanda*.

O Pré-projeto: Conceitos da Criação

Decidimos chamar de 'caracterização visual' para fugirmos do termo *figurino*. Não discordamos do uso desta nomenclatura, mas diante do processo criativo que relataremos, julgamos adequar-se mais ao conceito de *design de aparência*, cunhado por Adriana Vaz Ramos. Para compreendermos as diferenças, apresentamos os termos.

Para Patrice Pavis:

¹ Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri. Diretor do Grupo 2 de Teatro desde 2009. Atua nas áreas de arte-educação, produção cultural, figurino, interpretação e direção teatral. Desenvolve pesquisa teórico/prática em visualidade da cena.

² O termo dramaturgia aqui se refere a condição narrativa de cada área que constitui o espetáculo. Texto, iluminação, cenografia e sonoridade estão no mesmo âmbito dramático que a caracterização visual. São 'escrituras' desenvolvidas simultaneamente no processo de criação e organizados no sistema da encenação.

O figurino, sempre presente no ato teatral como signo da personagem e do disfarce, contentou-se por muito tempo com o simples papel de caracterizador encarregado de vestir o ator de acordo com a verossimilhança de uma condição ou de uma situação. Hoje, na representação, o figurino conquista um lugar muito mais ambicioso; multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. (PAVIS, 2011, p. 168)

Em contribuição a esse pensamento, acrescento a definição de Rosane Muniz:

O figurino teatral deve ser considerado uma variedade particular no contexto da encenação. [...] seu resultado constitui também um conjunto de formas e cores que intervém no espaço cênico. E assim deve, portanto, integrar-se a ele. Tudo depende da linguagem do espetáculo, geralmente definida pelo diretor.” (MUNIZ, 2004, p. 20)

Tanto em Pavis quanto em Muniz é recorrente que o figurino agrega valor narrativo a encenação e apresenta particularidades como linguagem. Percebemos, no entanto, que é pertinente a definição de figurino como resultado, obra finalizada e exibida dentro do sistema espetacular. Adriana Vaz Ramos define figurino como “a ação criativa produtora de um desenho referencial que antecede o espetáculo em que se insere o ator/personagem” (RAMOS, 2013, p. 41). Desenho este, que é elaborado a partir de referências que determinam uma época específica, região geográfica, etc.

Já na formulação do *design de aparência*, Ramos defende que seu conceito perpassa pelo âmbito do processo, importando-se com o modo de investigação e execução para se chegar aos valores narrativos. Podemos dizer então, que a tese de Adriana Vaz se opõe ao termo *figurino* no que se refere ao processo criativo, ou mesmo o que costumamos chamar de *projeto* de criação. Ramos aponta:

Enquanto o figurino desempenha uma função referencial, o *design de aparência* trabalha com a metalinguagem, pois idealiza novas formas para caracterizar visualmente um ator/personagem. [...] Diz respeito à procura de métodos eminentemente antireferenciais que visam a organização de signos capazes de romper com a linearidade e o mimetismo naturalista. (RAMOS, p. 111 - 120)

Assim, o *design de aparência* sugere não somente o uso de roupas e acessórios, mas também maquiagem, pintura corporal, efeitos de luz e quaisquer elementos plásticos que incidam sobre o corpo do ator. O *figurino* teria uma metodologia programada para o seu fazer, já o *design de aparência* é desenvolvido através de um projeto para cada obra.

Fizemos tais esclarecimentos para compreendermos, a seguir, o projeto de caracterização visual em *A Varanda*, que segue o modo *design de aparência*. Nestes termos, apresentamos o processo criativo.

Caracterização visual em *A Varanda*: dos materiais à narrativa

A nosso projeto de caracterização visual não se compromete com referencial histórico da moda, trazendo contexto histórico e geográfico diluídos e misturadas com referências criadas dentro do próprio universo do espetáculo. Desta forma, produz sentido narrativo e propõe ao espectador uma interpretação não literal, provocando uma leitura que se desenvolve à maneira de cada espectador.

Figura 1: Registro em diário de bordo da encenadora durante os ensaios de *A Varanda*. Criação: Maria Daguia. 2015.



Por ser um processo que não exige uma forma de se fazer pré-existente, o próprio caminho da criação foi apontando os suportes e técnicas que dessem forma as ideias do que viria a ser. Os primeiros rascunhos partem da concepção cênica que apresentamos na **introdução**.

Figura 2: Desenho expressivo das primeiras ideias de caracterização visual para *A Varanda*. Criação: Rodrigo Tomaz, 2015.



A concepção de elementos cênicos fora dos modos de teatro naturalista, muito frequente na estética contemporânea, exige do espectador um nível de leitura individual apurado e maior comprometimento na experiência de

contemplação. No entanto, o desenvolvimento da caracterização visual dos atores, por mais inusitado que seja - com abstrações, símbolos e materiais -, deve respeitar e compreender os limites da encenação para que haja equilíbrio, evitando que desproporções saltem aos olhos e comprometa a recepção do espetáculo.

Caracterização Visual em Cena

Figura 3. Caracterização visual da *Mulher* e detalhe para tecido de algodão estampado. Criação Rodrigo Tomaz, 2015.



No caso da *Mulher*, o feminino foi critério usado na escolha dos materiais. O tecido de algodão com estampa de flores fazem alusão as gérbas que a personagem recebe da florista que passa pela sua varanda. A ‘sinuosidade’ das linhas que formam os ramos e folhas da estampa remetem aos ‘caminhos’ bordados pela personagem em todos os materiais postos em cena (das cortinas ao guarda-chuva). Esse bordado de caminhos é forte elemento narrativo para o destino da personagem. Para que estivesse presente no traje, aplicamo-lo numa transparência sobreposta na saia estampada. Isso ajudou a *dessaturar* as cores, aproximando-as de uma *monocromia* desejada desde os primeiros rabiscos do projeto. Chegamos a uma equilibrada luminosidade, quase branco, dada pela sobreposição de blusas (branco e pérola) e a transparência bordada.

Conclusões

Diante do que apresentamos conceitualmente sobre *figurino* e *design de aparência* para compreender o processo criativo, julgamos ter seguido com fidelidade o modo *design de aparência*. Por se tratar de um projeto específico para a referida obra, seguimos as revelações do próprio processo que indicou o passo a passo para chegarmos ao resultado apresentado. Conseguimos criar aparências pertencentes somente ao universo do espetáculo, saindo do mimetismo naturalista e ao mesmo tempo sendo fiel à narrativa.

A análise que apresentamos só é possível porque a obra articula “corpo do ator/caracterização visual/contexto espetacular” (RAMOS, 2013, p. 124), fazendo-nos compartilhar aqui os aspectos que nortearam a encenação e o discurso da caracterização visual dos atores, que dentro do sistema de

informações que é o espetáculo teatral, jamais poderia ser observado se não fosse entendido como linguagem artística com especificidades próprias.

Referências

FREITAS, Maria da Guia de Araújo. **A Varanda** - programa do espetáculo. Juazeiro do Norte, 2015.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus**: o figurino em cena. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RAMOS, Adriana Vaz. **O design de aparência de atores e a comunicação em cena**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.